

4

Variações e ponto de vista

Nada é mais perturbador que os movimentos incessantes do que parece imóvel.

Deleuze, *Conversações*

Neste capítulo abordaremos especialmente o que Deleuze aprendeu (apreendeu) com Leibniz e o Barroco e incorporou em sua filosofia do perspectivismo. Partindo deste encontro, estaremos assim conectando este capítulo com o segundo, quando falamos da ontologia deleuziana desenvolvida especialmente em *D&R* e *Lógica do Sentido*. Nos dois livros, Leibniz é parte fundamental deste desenvolvimento, conforme já destacado. Porém, a abordagem muda, de forma notável, dos livros-tese citados para a monografia sobre Leibniz, *A Dobra*¹¹².

Lembremos que, em *D&R*, quando Deleuze fazia uma crítica à representação, ele incluiu Leibniz e Hegel entre os filósofos que, ao invés de ultrapassar a representação, fizeram-na infinita, o que, para Deleuze, não causa nenhuma ameaça à ‘serenidade do idêntico’ (*D&R*, págs. 75 a 88): “a representação infinita não se desprende do princípio de identidade como pressuposto da representação”¹¹³. Mas lembremos também que, no mesmo livro, Deleuze tratava Leibniz como tendo uma filosofia superior à de Hegel (*D&R*, p. 87). Já em *O Expressionismo na filosofia* (1968), Deleuze mostrara a influência de Leibniz para o seu pensamento. Em *Conversações* (1990) Deleuze dizia: “Leibniz é fascinante”¹¹⁴. Em *A Dobra*, Deleuze faz surgir um novo Leibniz; ou Leibniz faz surgir um novo Deleuze. O certo é que há um novo desdobramento do encontro Deleuze-Leibniz.

Uma das maiores influências para a nova leitura de Deleuze foi *A Origem do drama barroco*, de Walter Benjamin. Este fez com que Deleuze enxergasse Leibniz através da alegoria barroca (sua função operativa, um modo não filosófico

¹¹² O Livro chama-se *A Dobra, Leibniz e o Barroco*. Trataremos, porém, da forma reduzida, sem deixar de lembrar que o livro desenvolve-se em torno das ideias de Leibniz e da estética barroca.

¹¹³ *D&R*, p. 84.

¹¹⁴ P. 197.

de pensar), porém, em vez da ênfase no trágico, na melancolia e no luto como vemos em Benjamin, Deleuze buscou o otimismo e a alegria (*laetitia*) em Leibniz. Em *O Expressionismo na filosofia*, Deleuze refere-se à filosofia de Leibniz através do símbolo, o que o próprio não repete em *A Dobra*: “E, se é verdade que a pertença é a chave da alegoria, é preciso conceber a filosofia de Leibniz como a alegoria do mundo, a assinatura do mundo, e não mais como o símbolo de um cosmo à maneira antiga. A esse respeito, a fórmula da *Monadologia*, ‘os compostos simbolizam com os simples’, longe de marcar um retorno ao símbolo, indica a transformação ou a tradução do símbolo em alegoria”¹¹⁵. Uma alegoria é uma repetição infinita, como as dobras barrocas, ao contrário de um símbolo, que é uma referência identitária, uma reconhecimento. A alegoria é uma afirmação do barroco e liga-se a Leibniz na produção infinita de conceitos.

Uma primeira evolução na relação Deleuze-Leibniz é marcada pelos conceitos de acontecimento e mundo. Na vigésima quarta série de *Lógica do Sentido*, podemos ler:

O primeiro teórico das incompatibilidades alógicas, e por isto o primeiro grande teórico do acontecimento, foi Leibniz. Pois o que ele chama de possível e impossível não se deixa reduzir ao idêntico e ao contraditório, que regem somente o possível e o impossível. A compossibilidade não supõe nem mesmo a inerência dos predicados em um sujeito individual ou mônada. É o inverso, e somente são determinados como predicados inerentes aqueles que correspondem a acontecimentos em primeiro lugar compossíveis”. (p. 177).

Deleuze retoma o assunto, mas com grande abertura a partir de Whitehead, no capítulo 4 de *A Dobra*, quando diz que o conceito de mundo não designa um conjunto de coisas, mas séries de acontecimentos. Entre o livro de 69 e o de 88, na aula em Vincennes de seis de maio de 1980, no primeiro dos dois cursos que deu sobre Leibniz, Deleuze diz sobre um mundo-curva fictício:

Você pode considerar o mundo, mas ainda uma vez o mundo não existe em si, existe apenas nas noções que o exprimem. Mas você pode fazer esta abstração, considere-o como uma curva complexa. Uma curva complexa tem pontos singulares e pontos ordinários. (...) e você compõe a curva de maneira contínua como esta, por prolongamento das singularidades sobre as séries ordinárias. Para Leibniz, o mundo é isso. O mundo contínuo é a distribuição das singularidades e das regularidades (...) Vocês se lembram que as noções individuais ou mônadas são pontos-de-vista sobre o mundo. Não é o ponto de vista que explica o sujeito.

¹¹⁵ *A Dobra*, p. 219.

Donde a necessidade de se perguntar: o que é esse ponto-de-vista? Um ponto-de-vista se define assim: um pequeno número de singularidades levantado sobre a curva do mundo. Isso é o que está no fundo de uma noção individual. O que faz a diferença entre você e eu, o que você é nesta espécie de curva fictícia, é que você está construído em torno de tais ou quais singularidades e eu em torno de tais ou quais singularidades. E isso a que você chama de individualidade é um complexo de singularidades, à medida que elas formam um ponto-de-vista.

Um ponto de vista nada mais é do que um pequeno número de singularidades extraídas da curva do mundo. Mas as singularidades não implicam a existência de descontinuidades. O mundo seria constituído pela confluência dos três conceitos acima, por acontecimentos e dobras ou inflexões. Para Leibniz, dobras são uma maneira de diferenciar a matéria sem introduzir nela uma descontinuidade, como seria caso houvesse átomos¹¹⁶. Portanto, os corpos estão dobrados e desdobrados, em vez de divididos; o mundo fenomênico (ou material) é como uma túnica dobrada e desdobrada em todas as direções.

O que podemos entender é que, nos livros dos anos 60, Deleuze usava Leibniz (entre outros pensadores) para compor uma ontologia. Porém, nos anos 80, Deleuze está desdobrando uma ontologia a partir de um perspectivismo barroco em Leibniz, assim como já o fizera com Bergson (nos livros sobre cinema) e Francis Bacon (na *Lógica da Sensação*). E, nesta ontologia, o que está dobrado não é extensão ou matéria, mas o componente fundamental da física leibniziana, a força (cujas importâncias Deleuze tantas vezes salientou em Nietzsche). Matéria, para Leibniz, são forças que se redobram incessantemente. Isto leva Deleuze a inferir que “a dobra é a potência como condição de variação... A própria potência é ato, é o ato da dobra”¹¹⁷.

Como as forças dobradas se relacionam com os atos e os acontecimentos, a resposta já se encontrava na *Lógica do Sentido*:

O que é um acontecimento ideal? É uma singularidade. Ou melhor: um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral. São pontos de retrocesso, de inflexão, etc.; desfiladeiros, nós, núcleos, centros; pontos de fusão, de condensação, de ebulição, etc.; pontos de choro e de alegria, de doença e de saúde, de esperança e de angústia, pontos sensíveis, como se diz”. (*Nona série*, p. 55)

¹¹⁶ O texto de Leibniz referido aqui é *Pacidius Philalethi*, que não existe em português. O livro consultado está em inglês.

¹¹⁷ A *Dobra*, p. 37. Na frase anterior: “... há sempre uma inflexão que faz da variação uma dobra e que leva a dobra ou a variação ao infinito”.

O mundo em Leibniz é uma curva complexa, o *continuum* que ele explora através do cálculo. Não uma composição de pontos cartesianos (x,y), mas relações - relações diferenciais (dy/dx) - que expressam a curvatura, ou seja, a variação da curva. Essa relação é a expressão de que algo acontece na curva; um acontecimento, a atualização de uma força. Eis o mundo de Leibniz.

Assim, para determinar a natureza de um objeto x, Leibniz jamais perguntará ‘o que é x?’ mas sim ‘o que faz x?’ ou ‘o que é feito de x?’ O mundo como uma série de acontecimentos. Daí que Deleuze chama a filosofia de Leibniz de maneirista (assim como os estóicos¹¹⁸) em oposição ao essencialismo de Aristóteles e Descartes (p. 95). E se todos os fenômenos dados em nossas percepções são acontecimentos, todos os predicados devem ser verbos e não adjetivos. ‘Adão é um pecador’ transforma-se em ‘Adão peca’.

Tentamos aqui ver a relação Deleuze-Leibniz a partir da noção de objeto enquanto acontecimento, dobra, força. Agora, na nova compreensão de Leibniz por Deleuze, passamos para o conceito de sujeito. No seu livro sobre Hume, Deleuze explora um Eu que nada mais é do que uma contração de hábitos, tese que também será abordada em *D&R*. Além desta, uma tese sempre defendida por Deleuze, a partir de Spinoza, é de que somos todos centros de potência de afetar e de sermos afetados. Então, o que poderiam ensinar a Deleuze as substâncias individuais¹¹⁹, as mônadas sem janelas?

Certamente, em *A Dobra* e nos seus cursos preparatórios ao longo dos anos 80, Deleuze deteve-se por mais tempo em torno da proposição de que o individual é o que expressa o mundo e assim o traz à existência. A monadologia leibniziana traz a compreensão dessa expressividade enquanto um sujeito envolvendo (im-pli-cando) o mundo, dobrando as dobras do mundo (Deleuze falará em redobras e desdobras). Por um lado, temos a dobra do mundo que deve ser expressada ou atualizada; por outro, somos nós que o trazemos à existência atual através de nossas percepções.

Isso levou Deleuze a deter-se em sua monadologia e aprofundar-se no perspectivismo leibniziano. Na Monadologia, Leibniz afirma que cada mônada representa o universo inteiro à sua maneira, a partir de um certo ponto de vista,

¹¹⁸ Deleuze dedica especial atenção aos estóicos, especialmente em *Lógica do Sentido*, a partir de *A Teoria dos Incorporais* no estoicismo antigo, de Émile Bréhier.

¹¹⁹ Ver nota 12.

fazendo com que as percepções ou expressões do mundo externo ocorram na alma em um dado momento; é o que Deleuze explica na sua aula de 16 de dezembro de 1986:

... a teoria do ponto-de-vista introduz em filosofia o que com propriedade devemos chamar de perspectivismo. Quando Nietzsche, é precisamente em nome de um tal perspectivismo, e em Nietzsche como em Leibniz, o perspectivismo não significa para cada um sua verdade, mas significará o ponto-de-vista como condição da manifestação da verdade. Em um outro grande perspectivista, o romancista Henri James, o ponto-de-vista, e a técnica dos pontos-de-vista, jamais significou que a verdade é relativa a cada um, mas que há um ponto-de-vista a partir do qual o caos se organiza, onde o segredo se descobre. (...) se o ponto de vista é verdadeiramente poder de ordenar os casos, poder de por em série os fenômenos, o ponto de vista é de saída condição de surgimento ou de manifestação de uma verdade nas coisas. Você não encontrará nenhuma verdade se não tiver um ponto-de-vista determinado. É a curvatura das coisas que exige o ponto-de-vista. Não se pode dizer outra coisa, é preciso partir desse universo curvo de Leibniz. Caso contrário, tudo permanece abstrato. Usando outros termos, não há verdade se você não achou um ponto-de-vista onde ela é possível, ou seja, a partir do qual tal gênero de verdade é possível.

Apesar de as mônadas expressarem todas o mesmo mundo infinito, elas não o expressam da mesma maneira: isso porque elas não o expressam da mesma perspectiva, mas cada uma do seu ponto de vista. Já na décima sexta série de *Lógica do Sentido*, Deleuze escrevera: “Leibniz tem razão em dizer que a mônada individual exprime um mundo segundo a relação dos outros corpos ao seu”¹²⁰. Essa teoria perspectivista tem a virtude de permitir ao mesmo tempo a determinação de um indivíduo e a infinitude do mundo; ora, o indivíduo envolve o infinito.

Não devemos confundir este perspectivismo, como a aula em Vincennes acima nos mostra, com um relativismo da verdade. Relativismo, Deleuze nos mostra em *A Dobra*, é uma dependência ao eu; só uma filosofia dependente do sujeito poderá ser relativista. Como explica na mesma aula de 16/12/86, o sujeito não fundamenta um ponto de vista do mundo, mas sujeito é aquele que vem ao ponto de vista¹²¹. “É esse o fundamento do perspectivismo. Este não significa uma dependência em face de um sujeito definido previamente”¹²².

¹²⁰ *Lógica do Sentido*, p. 113.

¹²¹ Mais à frente, quando relacionarmos o perspectivismo barroco ao temporal, trataremos da mesma tese de forma mais elaborada em *A Dobra*.

¹²² *A Dobra*, p. 40.

Agora podemos concluir o que é o perspectivismo: uma relação expressiva entre indivíduos e mundo. A individualidade da alma, a verdade de suas percepções e sua perspectiva sobre o mundo são indissociáveis. E a fórmula desta relação expressiva entre o mundo e as mônadas que o habitam é: o mundo existe nas mônadas, mas as mônadas existem para o mundo¹²³ (capítulo 8 de *A Dobra*).

Através de Leibniz, Deleuze poderá dizer que a experiência não é uma impressão, mas expressão. Em vez de um sujeito profundo, a afirmação do mundo. A verdade do sujeito nada tem a ver com representação; deve ser buscada no mundo no qual o sujeito está incorporado. O indivíduo não expressa uma intenção subjetiva através de sua experiência, mas expressa uma perspectiva objetiva que nada mais é do que uma série de acontecimentos (mundo) para o qual ele foi criado. A expressão subjetiva está em perfeita relação com o mundo externo (no caso de Leibniz, o ordenamento das séries ocorre com a harmonia divina do melhor dos mundos possíveis). O que Deleuze extrai da perspectiva barroca, em contraponto à fenomenologia, é que nossa experiência não é governada por intenções, mas por perspectivas. Por isso a insistência por toda *A Dobra* que o mundo está nas mônadas, mas estas são para o mundo, por exemplo: “Há antecedência sobre as mônadas, embora um mundo não exista fora das mônadas que o expressam”¹²⁴. Em Leibniz, a verdade não é representação, mas expressão da ordem divina dobrada em cada alma. O perspectivismo barroco é claramente um embate com o relativismo: ser para o mundo enquanto princípio objetivo (ponto de vista) contra a experiência subjetiva fragmentária (a cada um a sua verdade).

Mais uma vez, a novidade na visão de Deleuze sobre Leibniz é o barroco como um mundo alegórico, um mundo de signos encadeados ao infinito. Descontada a questão teológica de uma harmonia divina, Deleuze vê esta harmonia barroca como “acordos/acordes dissonantes” (p. 225 e todo o nono capítulo, *A Nova harmonia*). *Laetitia* como experiência estética. E Deleuze fala sobre seu retorno a Leibniz, na sua aula de 20 de maio de 1980, lançando a pergunta sobre o que significa ser leibniziano hoje em dia. Ele mesmo responde:

¹²³ Idem. Interessante notar que o classicismo moderno inverteu a fórmula para: o mundo existe para o sujeito.

¹²⁴ *A Dobra*, p. 105.

Para voltar a uma concepção forte de infinito, mas não à maneira dos clássicos, deve-se mostrar que o infinito é um infinito num sentido forte, mas, enquanto tal, ele é o ato da finitude na medida em que se ultrapassa e, ao se ultrapassar constitui o mundo das aparições. É substituir o ponto-de-vista da gênese pelo ponto de vista da condição. Fazer isso é retornar a Leibniz. Mas em outras bases, não mais as de Leibniz.

E na décima-sexta série da *Lógica do Sentido*, Deleuze já falava neste ‘eterno’ retorno a Leibniz: “é preciso sempre voltar ao teatro de Leibniz”¹²⁵. É o eterno retorno do ‘diferente’, a cada mergulho deleuziano nas dobras infinitas, novas conexões são feitas, um novo Leibniz emerge através de relações diferenciais.

A seguir, trataremos de reunir o perspectivismo temporal (explorado no terceiro capítulo) e o perspectivismo barroco de Leibniz em *A Dobra*.

Após os livros sobre Cinema, nos dois seguintes (*Foucault* e *A Dobra*), Deleuze ensaia um encontro de sua ontologia (que abordamos no segundo capítulo) e o perspectivismo do tempo (capítulo anterior). O tema da dobra é fundamental para Deleuze e, no livro cujo título o inclui, ele escreve: “A matéria-dobra é uma matéria-tempo” (*A Dobra*, p. 19), anunciando o encontro que exploraremos a seguir.

Deleuze inicia o texto explicando as dobras barrocas, de onde ele desenvolverá toda a sua teoria: “O barroco remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, a um traço. (...) O traço do barroco é a dobra que vai ao infinito”¹²⁶. Dobras, para Deleuze, operam como visões de mundo que não se baseiam exclusivamente na dicotomia material-imaterial e visível-inteligível, tal e qual o barroco fez com o divino e o terreno. Como os infinitos mundos possíveis de Leibniz, as dobras se multiplicam ao infinito, não param de se redobrar, “como se o infinito tivesse dois andares: as redobras da matéria e as dobras da alma”¹²⁷. É a casa barroca que torna indiscerníveis as oposições

¹²⁵ P. 117.

¹²⁶ *A Dobra*, p. 13.

¹²⁷ Idem.

tradicionais, imanência característica do barroco que interessa à filosofia de Deleuze.

E onde encontramos as dobras? As dobras estão sempre entre duas dobras e “esse entre-duas-dobras parece passar por toda parte”¹²⁸. “Toda dobra vem de uma dobra, plica ex plica”¹²⁹ e “a desdobra, portanto, não é o contrário da dobra, mas segue a dobra até outra dobra”¹³⁰. A cosmovisão barroca encontra a ontologia deleuziana neste entre duas dobras, ou, mais especificamente, neste entre ou, como Deleuze diz em *D&R*, “no sentido de que é a diferença que se diferencia”¹³¹. Dobra é variação (p. 37).

Deleuze identificará uma nova visão cosmológica no cálculo diferencial de Leibniz, onde a variação é como uma ‘nova afecção’: “a definição da matemática barroca aparece com Leibniz: seu objeto é uma ‘nova afecção’ das grandezas variáveis, que é a própria variação”¹³². Esta nova matemática do ‘entre’, da variação, desdobra-se em um novo mundo:

Quando a matemática toma a variação como objeto, é a noção de função que tende a se destacar, mas também muda a noção de objeto, tornando-se funcional. (...) O objeto já não se define por uma forma essencial, mas atinge uma funcionalidade pura, declinando uma família de curvas enquadradas por parâmetros, inseparável de uma série de declinações possíveis ou de uma superfície de curvatura variável que ele próprio descreve. Denominemos objéctil esse novo objeto. (*A Dobra*, p. 38).

Este objéctil, portanto, se dá quando “a flutuação da norma substitui a permanência de uma lei, quando o objeto ocupa lugar em um contínuo por variação”¹³³. Não mais fundado no binômio forma-matéria (como desde os livros preparatórios para *D&R*), Deleuze pode, mais uma vez, introduzir o tempo na sua ontologia. Nisso ele se baseia em Gilbert Simondon, de quem reproduz o seguinte trecho¹³⁴:

[Na modulação], nunca há interrupção para desmoldagem, porquanto a circulação do suporte de energia equivale a uma desmoldagem permanente; modulador é um

¹²⁸ *A Dobra*, p. 30.

¹²⁹ *A Dobra*, p. 26.

¹³⁰ *A Dobra*, p. 18.

¹³¹ *A Dobra*, p. 26.

¹³² *A Dobra*, p. 36.

¹³³ *A Dobra*, p. 38.

¹³⁴ Trecho traduzido de *L’individu et sa genèse physico-biologique*, págs. 41 e 42.

molde temporal contínuo... Moldar é modular de maneira definitiva; modular é moldar de maneira contínua e perpetuamente variável”. (*A Dobra*, p.39)

Agora, Deleuze poderá, através de Leibniz, unir variação contínua e modulação temporal, ‘modulando’ sua própria ontologia.

Pelo seu novo estatuto, o objeto é reportado não mais a um molde espacial, isto é, a uma relação forma-matéria, mas a uma modulação temporal que implica tanto a inserção da matéria em uma variação contínua como um desenvolvimento contínuo da forma”. (*A Dobra*, págs. 38 e 39)

Fica clara a relação com o perspectivismo temporal explorado no capítulo anterior¹³⁵ quando Deleuze desqualifica um perspectivismo externo (molde espacial) por um perspectivismo interno (modulação temporal). E como passou toda a vida filosófica fazendo, ao se agenciar com outros pensadores, desta vez o faz através de Leibniz (com o auxílio diferenciante de Gilbert Simondon) e sua matemática barroca:

Quando Leibniz diz que a lei da série situa as curvas como ‘o traço da mesma linha’ em movimento contínuo, continuamente tocada pela curva que lhe é concorrente, não é a modulação que ele está definindo? É uma concepção não só temporal mas qualitativa do objeto, visto que os sons, as cores, são flexíveis e tomados na modulação. É um objeto maneirista e não mais essencialista: torna-se acontecimento”. (*A Dobra*, p. 39)

Parece que toda a sua filosofia está resumida nestas linhas. O acontecimento é então modulação, pensamento dobrando e se desdobrando numa variação contínua, desta vez com Leibniz e o Barroco, atacando o bom senso de um perspectivismo externo¹³⁶ (ou relativista, como vimos acima) a partir de um corpo (que também é modulação temporal); o ponto de vista está em um corpo.

É o corpo que faz parte da casa barroca de dois andares, “como se o infinito tivesse dois andares: as redobras da matéria e as dobras da alma”¹³⁷; “cada corpo, por menor que seja, contém um mundo”¹³⁸.

¹³⁵ Mais especificamente à página 57.

¹³⁶ Ver TCC de Emanuel Castro sobre o perspectivismo em Kant.

¹³⁷ *A Dobra*, p. 13.

¹³⁸ *A Dobra*, p. 17.

Sempre uma dobra na dobra, como uma caverna na caverna. A unidade da matéria, o menor elemento do labirinto é a dobra, não o ponto, que nunca é uma parte, mas uma simples extremidade da linha. (...) A desdobra, portanto, não é o contrário da dobra, mas segue a dobra até outra dobra. Dobras de ventos, de águas, do fogo e da terra, e dobras subterrâneas de filões na mina. Os dobramentos sólidos da ‘geografia natural’ remetem, inicialmente, à ação do fogo e, depois, à ação das águas e dos ventos sobre a terra, um sistema de interações complexas (...) A ciência da matéria tem como modelo o origami, diria o filósofo japonês, ou a arte de dobrar o papel. (*A Dobra*, p. 18)

Deleuze logo pressentirá (p. 19) a afinidade da matéria com a vida, com o organismo e concluirá (como já destacamos) que “a matéria-dobra é uma matéria-tempo”¹³⁹ (ou, como em Simondon, modulação temporal). Deleuze dirá que “o vitalismo é um estrito organicismo”¹⁴⁰ e que “... um animismo se liga ao organicismo”¹⁴¹. Esta matéria-tempo, a casa barroca de dois andares inseparáveis (apesar de distintos, p. 28), supõe uma síntese orgânica que tem a alma como unidade da síntese.

[As] massas e os organismos, os amontoados e os viventes ocupam o andar de baixo. Então por que é necessário um outro andar, visto que almas sensitivas ou animais já estão ali, inseparáveis dos corpos orgânicos? Cada uma parece até mesmo localizável em seu corpo, agora como um ‘ponto’ em uma gota, ponto que subsiste em uma parte da gota quando esta se divide ou diminui de volume: assim, na morte, a alma permanece onde estava, em uma parte do corpo, por mais reduzida que seja essa parte. O ponto de vista está em um corpo, diz Leibniz. Seguramente, tudo se faz de maneira mecânica nos corpos, de acordo com forças plásticas que são materiais, mas essas forças explicam tudo, menos os *graus de unidade*¹⁴² variáveis aos quais elas tornam a conduzir as massas que elas próprias organizam (uma planta, um verme, um vertebrado...). As forças plásticas da matéria agem sobre as massas, mas submetendo-as a unidades reais que elas próprias supõem. Elas fazem a síntese orgânica, mas supõem a alma como unidade da síntese¹⁴³ ou como ‘princípio imaterial da vida’. É somente aí que um animismo se liga ao organicismo, do ponto de vista da unidade pura ou da união, independentemente de toda ação causal. Seja como for, os organismos não teriam por conta própria o poder causal de dobrar-se ao infinito, não teriam o poder de subsistir na cinza sem as almas-unidades que são inseparáveis deles e das quais eles próprios são inseparáveis. (*A Dobra*, p. 26 e 27)

O ponto de vista está em um corpo, como Leibniz ensina em carta à Lady Masham de junho de 1704. E a alma, unidade de síntese, “princípio imaterial da vida”, forma com o corpo a casa barroca.

¹³⁹ *A Dobra*, p. 19.

¹⁴⁰ *A Dobra*, p. 20.

¹⁴¹ *A Dobra*, p. 27.

¹⁴² Grifo original.

¹⁴³ Idem.

São dois vetores que se repartem como tais na distinção de dois andares de um só e mesmo mundo, de uma só e mesma casa. É que, por mais que a alma e corpo se esforcem por ser inseparáveis, nem por isso deixam de ser realmente distintos. Assim, a localização da alma em uma parte do corpo, por menor que seja, é sobretudo uma projeção¹⁴⁴ do alto sobre o baixo, uma projeção da alma em um ‘ponto’ do corpo, de acordo com a geometria de Desargues, segundo uma perspectiva barroca”. (*A Dobra*, p. 28 e 29)

Que fique claro, a alma não está em um ponto, mas é projeção. Em sua matemática barroca, Leibniz unirá de forma surpreendente - e bela - forças mecânicas externas (plásticas), que determinam uma curva, e a alma, unidade interna e individuante, unidade de movimento que contém a lei da curvatura. Deleuze nos ajuda:

As forças plásticas ou maquinicas fazem parte das ‘forças derivativas’ que se definem em relação à matéria que elas organizam. Mas as almas, ao contrário, são ‘forças primitivas’ ou princípios imateriais de vida, que só se definem de dentro, em si, e por ‘analogia com o espírito’. É possível deter-se ainda menos, dado que essas almas, com seu organismo reduzido, estão por toda parte na matéria inorgânica. Portanto é a matéria inorgânica que, por sua vez, remete a almas cujo sítio está em outra parte, mais elevada, almas que, do alto, projetam-se tão somente sobre essa matéria. Sem dúvida, um corpo, por menor que seja, segue uma curva apenas sob o impulso da segunda espécie de forças derivativas, as forças compressivas ou elásticas, que determinam a curva pela ação mecânica dos corpos exteriores do ambiente: sozinho, o corpo seguiria a reta tangente. Porém, também nesse caso, as leis mecânicas ou o determinismo extrínseco (o choque) explicam tudo, salvo a unidade de um movimento concreto, por mais variável e irregular que ele seja. A unidade de movimento é sempre caso de uma alma, quase de uma consciência, como Bergson descobrirá. Assim como o conjunto da matéria remete a uma curvatura que já não é determinável de fora, assim também a curva seguida por um corpo qualquer sob a ação do exterior remete a uma unidade ‘superior’, interna e individuante, no outro andar, e que contém a ‘lei da curvatura’, a lei das dobras ou das mudanças de direção. É o mesmo movimento que é sempre determinado de fora, por choques, visto que relacionado com a força derivativa, mas que é unificado por dentro, uma vez que está relacionado com a força primitiva. Sob a primeira relação, a curvatura é acidental e deriva da reta, mas, sob a segunda, ela é primeira. Assim sendo, a molabilidade é ora explicada mecanicamente pela ação de um ambiente sutil, ora compreendida de dentro, como interior ao corpo, ‘causa do movimento que já está no corpo’ e que só espera de fora a supressão de um obstáculo.

Portanto, a necessidade de um outro andar afirma-se por toda a parte como sendo propriamente metafísica. (*A Dobra*, págs. 29 e 30.)

Começa a ficar claro o que Deleuze buscou em Leibniz e na dobra barroca para responder a questões contemporâneas, como a individuação, o Fora e o

¹⁴⁴ Ibidem.

perspectivismo do tempo. Para entendermos como este pensamento ‘com Leibniz’ e não ‘sobre Leibniz’ foi desenvolvido, podemos nos remeter ao *Abecedário*¹⁴⁵, letra H, *História da filosofia*, quando Deleuze é entrevistado por Claire Parnet:

CP: Quando você refez a história da filosofia com Leibniz, no ano passado, foi o mesmo que você fez há vinte anos, antes de produzir sua própria filosofia? Foi da mesma maneira?

GD: Não, de modo algum. Pois antes eu me servia, realmente, da filosofia, e da história da filosofia, como um modo de... como uma espécie de aprendizado indispensável, onde procurava quais eram os conceitos dos outros, de grandes filósofos, e a que problemas eles respondiam. Enquanto que agora, no livro que escrevi sobre Leibniz, não há vaidade no que digo, misturei problemas do século XX, que podem ser os meus, com problemas de Leibniz. Dito que estou convencido da atualidade dos filósofos. Fazer como um grande filósofo, o que isso quer dizer? Fazer como ele não é, necessariamente, ser seu discípulo. Fazer como ele é prolongar sua tarefa, é criar conceitos que têm relação com os que ele criou e colocar problemas em relação e em evolução com os que ele criou. Creio que, ao fazer Leibniz eu estava mais nessa via, enquanto que em meus primeiros livros de história da filosofia, estava no estágio pré-cor¹⁴⁶.

Leibniz agora está no coração. No coração dos problemas filosóficos contemporâneos. Leibniz atinge um patamar operatório na filosofia de Deleuze antes só alcançado por Nietzsche, Spinoza e Bergson. A Dobra é não apenas o testemunho de um longo engajamento de Deleuze com o filósofo, como desdobramento de *D&R*, *A Lógica do Sentido*, *Proust e os Signos* e *Expressionismo na filosofia: Spinoza*. E um novo modo de discutir o perspectivismo decorre daí, cada vez mais longe da representação filosófica e sempre mais próximo de uma expressão não filosófica, onde os conceitos são criados no movimento do pensamento e afetos não apenas filosóficos.

Desde *Lógica da Sensação* e os livros sobre cinema, Deleuze está desenvolvendo estes movimentos do pensamento, constituindo diagramas¹⁴⁷, modulando formas. Mas é a primeira vez que ele o faz na história da filosofia (ou seja, testando afetos não filosóficos na filosofia leibniziana), quando o pensamento barroco é construído através e dentro de um ponto de vista constitutivo de um mundo e não por representações de objetos: é impossível

¹⁴⁵ Usamos aqui a versão em português encontrada em stoa.usp.br. Acessado em 15/12/14.

¹⁴⁶ Imagino que o termo ‘pré-cor’ usado aqui por Deleuze seja uma alusão ao termo ‘de cor’, que em latim significa ‘de coração’. Ou seja, no estágio pré-cor, ainda não se sabe de cor, com a profundidade que se possa “prolongar sua tarefa”, em vez de apenas reproduzi-la. O verbo ‘decorar’, em português, caminhou para o sentido inverso, mecânico.

¹⁴⁷ Diagrama é conceito desenvolvido em *A Lógica da Sensação* e *Foucault*.

compreender Leibniz sem o *chiaroscuro* de Caravaggio, sem as dobraduras das esculturas de Bernini, a harmonia de Rameau ou a geometria de Desargues.

É impossível compreender a mônada leibniziana e seu sistema luz-espelho-ponto de vista-decoração interior, se eles não forem relacionados com a arquitetura barroca... A mônada é uma cela, uma sacristia, mais do que um átomo: um compartimento, sem porta nem janela, no qual todas as ações são internas”. (*A Dobra*, p. 55)

Leibniz e seu pensamento ‘entre’ a filosofia e afetos barrocos é uma “função operatória” que não para de fazer dobras, anunciada desde a frase que abre o livro¹⁴⁸.

O novo status do objeto, o objectil (como antecipado na página 70), nada mais é do que uma alegoria das dobras, que agora engloba problemas barrocos leibnizianos com os problemas deleuzianos e anuncia um novo perspectivismo, em que um mundo de dobras infinitas é diferente de um mundo de essências. Não que o perspectivismo de Deleuze que encontramos em *D&R* esteja sendo superado, mas seu agenciamento agora não parte mais da transvaloração de todos os valores¹⁴⁹ da *Genealogia da Moral* de Nietzsche, porém da variação no movimento das curvas no cálculo leibniziano.

Perspectivismo é certamente um relativismo, mas não é o relativismo em que comumente se pensa. Trata-se não de uma variação da verdade de acordo com um sujeito, mas da condição sob a qual a verdade de uma variação aparece ao sujeito. É a própria ideia da perspectiva barroca”. (*A Dobra*, p. 40)

Mas, Deleuze esclarece, se o objeto muda de estatuto, certamente isto ocorrerá também com o sujeito neste mundo todo im-pli-cado. O sujeito não é mais um ponto (de inflexão):

Não é exatamente um ponto, mas um lugar, uma posição, um sítio... Esse lugar é chamado ponto de vista, na medida em que representa a variação ou inflexão. É esse o fundamento do perspectivismo. Este não significa uma dependência em face de um sujeito definido previamente: ao contrário, será sujeito aquele que vier ao ponto de vista, ou sobretudo aquele que se instalar no ponto de vista. Eis por que a transformação do objeto remete a uma transformação correlativa do sujeito: este não é um sub-jecto, mas um super-jecto, como diz Whitehead. Ao mesmo

¹⁴⁸ “O barroco remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, a um traço. Não para de fazer dobras” (*A Dobra*, p. 13).

¹⁴⁹ Tratamos deste assunto na página 23.

tempo em que o objeto vem a ser objectil, o sujeito torna-se superjecto. Entre a variação e o ponto de vista há uma relação necessária: não simplesmente em razão da variedade dos pontos de vista (embora haja tal variação), mas, em primeiro lugar, porque todo ponto de vista é ponto de vista sobre uma variação. Não é o ponto de vista que varia com o sujeito, pelo menos em primeiro lugar; ao contrário, o ponto de vista é a condição sob a qual um eventual sujeito apreende uma variação (metamorfose) ou algo = x (anamorfose). (*A Dobra*, p. 39 e 40)

A ontologia leibniziana encontra com força total a ontologia deleuziana: “o perspectivismo é sem dúvida um pluralismo, mas, como tal, implica a distância e não a descontinuidade (não há certamente vazio entre dois pontos de vista). Leibniz pode definir o extenso (*extensio*) como a ‘repetição contínua’ do *situs*, ou da posição, isto é, do ponto de vista: não que o extenso seja, então, o atributo do ponto de vista, sendo, isso sim, o atributo do espaço (*spatium*) como ordem das distâncias entre pontos de vista que torna possível essa repetição. O ponto de vista sobre uma variação vem substituir o centro de uma figura ou de uma configuração”¹⁵⁰. O superjecto (que se instala na variação) vem substituir o subjecto (o centro do universo). Se a matéria-tempo, a matéria-dobra, é vitalismo e animismo, o perspectivismo é um pluralismo e o perspectivismo temporal em Deleuze encontra o perspectivismo barroco.

A Dobra é o auge da ontologia deleuziana agenciada com outros pensamentos. A transição de um perspectivismo nietzschiano para um leibniziano nada mais é do que um dobramento e um desdobramento, quase uma modulação de estilo em que trata-se agora menos de atacar uma epistemologia da representação (através do método nietzschiano da interpretação) e mais de criar uma ontologia do desdobramento infinito e infinitos conceitos o mais desordenados possíveis. Leibniz é agora também uma arte profunda (*Lógica do Sentido*, p. 180): incrível o caminho deleuziano, do pensador que filosofa a marteladas para o filósofo racionalista da ordem.

Na sua redescoberta de Leibniz, Deleuze dá dois cursos em Vincennes, um em 1980 e o outro em 86-87. Na abertura do primeiro, ele diz:

[Leibniz] é o filósofo da ordem; bem mais, da ordem e da polícia, em todos os sentidos da palavra polícia. Sobretudo no primeiro sentido da palavra polícia, a saber, a organização ordenada da cidade. Ele só pensa em termos de ordem. Nesse sentido, é extremamente reacionário, é o amigo da ordem. Mas, muito estranhamente, nesse gosto da ordem e para fundar essa ordem, ele se entrega à

¹⁵⁰ *A Dobra*, p. 41.

mais demente criação de conceito à qual se pôde assistir em filosofia. Conceitos descabelados, conceitos os mais exuberantes, os mais desordenados, os mais complexos para justificar o que é. É preciso que cada coisa tenha uma razão. (Curso de 15/04/1980)

A fascinação de Deleuze por Leibniz é evidente. Leibniz é como um grande amor que abre, através da filosofia, novos mundos não filosóficos. Isso fica claro em *Conversações*:

Leibniz é fascinante porque talvez nenhum outro filósofo tenha criado mais do que ele. São noções de aparência extremamente bizarras, quase loucas. Sua unidade parece abstrata, do tipo ‘todo predicado está no sujeito’, só que o predicado não é um atributo, é um acontecimento, e o sujeito não é um sujeito, é um envoltório. Há entretanto uma unidade concreta do conceito, uma operação ou construção que se reproduz nesse plano, a Dobra, as dobras da terra, as dobras dos organismos, as dobras na alma. Tudo se dobra, se desdobra, se redobra em Leibniz, percebe-se nas dobras, e o mundo está dobrado em cada alma que dele desdobra tal ou qual região segundo a ordem do espaço e do tempo (harmonia). De pronto, pode-se presumir a situação não filosófica à qual Leibniz nos remete como uma capela barroca ‘sem porta nem janela’ onde tudo é interior, ou como uma música barroca que extrai a harmonia da melodia. É o Barroco que eleva a dobra ao infinito, como se vê nos quadros de El Greco, nas esculturas de Bernini, e que nos abre uma compreensão não filosófica por perceptos e afectos. (*Conversações*, p. 197)

Digamos que os conceitos de Leibniz (Deleuze escrevendo sobre Leibniz sob o modo de história da filosofia) foram muito importantes para a ontologia deleuziana. E esta mesma ontologia da diferença, dos devires, das imagens-tempo, dos mundos dobrados em cada alma, levou Deleuze a escrever com Leibniz através das dobras barrocas “uma compreensão não filosófica por perceptos e afectos”. Dobras, redobras e desdobras entre Deleuze e Leibniz.

Ainda em *Conversações* (p. 206), Deleuze conclui dizendo que A Dobra é a união dos problemas de Leibniz no século XVII com os problemas do século XX de sua própria filosofia: o principal problema de Leibniz era a razão teológica que desmoronava e o Barroco e suas dobras eram uma resposta. Já o de Deleuze é a crise da razão humana, que também desmorona. E o problema de ambos, a partir desses mundos que acabam, é a criação do novo. Deleuze considera que a alegoria barroca de Leibniz conserva uma grande atualidade, mesmo que as dobras recebam novas determinações.

O ‘gabinete logológico’¹⁵¹ se parece com o interior de uma mônada leibniziana. Sem o Barroco e sem Leibniz, a dobra não teria adquirido a autonomia que lhe permitiu em seguida criar tantos caminhos novos. Em suma, a elevação ou a autonomização da dobra no barroco têm, em ritmos diferentes, consequências artísticas, científicas e filosóficas, que nem de longe estão esgotadas, e onde a cada vez se encontram ‘temas’ leibnizianos” (*Conversações*, p. 203).

Assim, entre as crises dos mundos teológicos e humanos, tanto para Leibniz quanto para Deleuze, o melhor dos mundos é aquele que está apto a produzir e receber o novo (certamente este não é o mundo niilista com um ‘nada de vontade’ descrito por Nietzsche). E este mundo, na ontologia deleuziana, não é constituído por sujeitos e objetos: “é que eu não acredito nas coisas”¹⁵². Já Leibniz permitia antever uma noção de sujeito completamente diferente: os predicados como ‘atravessar o Rubicão’ não são atributos de um sujeito, mas acontecimentos. E o acontecimento (conceito caríssimo tanto à filosofia de Leibniz quanto a de Deleuze) tem o tempo como sua espessura:

... há dobras em toda parte: nos rochedos, rios e bosques, nos organismos, na cabeça e no cérebro, nas almas ou no pensamento. Nas obras ditas plásticas... Mas nem por isso a dobra é um universal. Creio que foi Levi-Strauss quem mostrou a necessidade de distinguir as duas proposições seguintes: só as semelhanças diferem, e apenas as diferenças se assemelham. Num caso a semelhança entre as coisas é primeira, no outro a coisa difere, e difere primeiro de si mesma. As linhas retas se assemelham, mas as dobras variam, e cada dobra vai diferindo. Não há duas coisas pregueadas do mesmo modo, nem dois rochedos, e não existe uma dobra regular para uma mesma coisa. Nesse sentido, há dobras por todo lado, mas a dobra não é um universal. É um ‘diferenciador’, um ‘diferencial’. Existem dois tipos de conceito, os universais e as singularidades. O conceito de dobra é sempre um singular, e ele só pode ganhar terreno variando, bifurcando, se metamorfoseando. Basta compreender, e sobretudo ver e tocar as montanhas a partir de seus dobramentos para que percam sua dureza, e para que os milênios voltem a ser o que são, não permanências, mas tempo em estado puro, e flexibilidades. Nada é mais perturbador que os movimentos incessantes do que parece imóvel. Leibniz diria: uma dança de partículas reviradas em dobras. (*Conversações*, p. 200)

¹⁵¹ O Gabinete Logológico é o nome de uma exposição do artista francês Jean Dubuffet, realizada em 1970. Ele mesmo explica no catálogo da exposição: “O título dado ao ‘Gabinete logológico’ procede da ideia de um logos no segundo grau que, deixando de ser uma codificação remetendo aos fenômenos e objetos do mundo, põe-se a proliferar a partir de si mesmo. Portanto, desembreado e na banguela. (...) O mecanismo visado é, pois, justamente o de embaralhar a demarcação de nossa área mental e torná-la movediça, de modo a desorientá-la, levá-la a perder o norte, ou melhor, a se defrontar com um número infinito de direções que podem indiferentemente servir-lhe de norte. De temporário, relativo e movediço norte”. Esta tradução consta da apresentação da edição brasileira de O efeito sofisticado, de Barbara Cassin (escrita por ela mesma).

¹⁵² *Conversações*, p. 204.

Leibniz, para Deleuze, é uma desdobra infinita de conceitos, “on assiste à une folle création de concepts... il n’en a jamais fini de créer à nouveau quelque chose”¹⁵³. Deleuze o qualifica como grande matemático, monumental físico, excelente jurista, político ativo, sempre a serviço da ordem. “Leibniz est abominable”¹⁵⁴. Em *D&R*, Deleuze o chamou de orgiástico por causa de seu poder criador. Para Leibniz, os conceitos são como dobras, estão sempre se referindo a novas dobras, numa proliferação infernal. Leibniz vive no limiar de todas as disciplinas e isso interessa de sobremaneira a Deleuze. E se há uma diferença no Leibniz pré e pós *A Dobra*, talvez esta seja exatamente ver Leibniz através do prisma do Barroco e da dobra:

Esse livro é para mim ao mesmo tempo uma recapitulação e uma continuação. É preciso acompanhar a um só tempo Leibniz, mas também os artistas que lhe fazem eco, mesmo sem sabe-lo, Mallarmé, Proust, Michaux, Hantaï, Boulez, todos os que configuram um mundo de dobras e desdobras. Tudo isso é um cruzamento, uma conexão múltipla. A dobra está longe de ter esgotado todas as suas potências hoje, é um bom conceito filosófico”. (*A Dobra*, p. 197 e 198)

É na criação do novo (e na resistência ao presente – que veremos à frente) que o perspectivismo temporal se encontra com o perspectivismo barroco. No seu perspectivismo com Leibniz em *A Dobra*, Deleuze propõe que a filosofia acolha a possibilidade em um mundo que inclua todas as séries de eventos possíveis (pecados, danações, catástrofes, guerras, etc – além de seus contrários e variações) ao infinito. A dissonância, que foi exposta pela primeira vez no barroco, não tem por objetivo a exclusão do impossível, mas a afirmação da divergência que leva à dobra, à inclusão do mundo na mônada, ao infinito. Aqui, a ontologia de Deleuze se reencontra com *D&R* ao rejeitar o julgamento atributivo ‘É’ pela vice-dicção, pensamento maquínico de inclusão disjuntiva ‘E’. Uma dobra não se encaixa na estrutura do julgamento (sempre restrito ao mundo constituído, imutável) pois ela vai ao infinito, não se limita através de uma essência, “... faz aparecer a Forma, fazendo dela uma forma de expressão”:

O barroco inventa a obra infinita ou a operação infinita. O problema é não como findar uma dobra mas como continuá-la, fazê-la atravessar o teto, levá-la ao infinito. É que a dobra não afeta somente todas as matérias, que se tornam, assim,

¹⁵³ Cours Vincennes 15/04/1980.

¹⁵⁴ Idem.

matérias de expressão, de acordo com escalas, velocidades e vetores diferentes (as montanhas e as águas, os papéis, os panos, os tecidos vivos, o cérebro), mas ela determina e faz aparecer a Forma, fazendo dela uma forma de expressão, *Gestaltung*, o elemento genético ou a linha infinita de inflexão, a curva de variável única.

A dobra infinita separa ou passa entre a matéria e a alma, a fachada e o compartimento fechado, o exterior e o interior. É que a linha de inflexão é uma virtualidade que não para de diferenciar-se: ela se atualiza na alma, mas realiza-se na matéria, cada qual do seu lado. (*A Dobra*, p. 66 e 67)

Dobras são condição de variação, ou mais ainda, quais as condições de variação da colocação de problemas: “o problema é não como findar uma dobra mas como continuá-la, fazê-la atravessar o teto, levá-la ao infinito”. Essa condição de variação Deleuze a aprende com Leibniz. A questão de levar uma dobra ao infinito une-se a uma outra, fundamental para a filosofia de Deleuze: a da criação, a de saber como o mundo objetivo permite a produção subjetiva do novo; questões que ele pensa com Bergson e Whitehead, a extensão das séries, a problematização dos acontecimentos¹⁵⁵. Lembrando sempre que objetos (que constituem um mundo objetivo) são modulações (objétil) e “será sujeito aquele que vier ao ponto de vista, ou sobretudo aquele que se instalar no ponto de vista”¹⁵⁶ (produção subjetiva do novo), sendo ponto de vista o que representa a variação ou inflexão (“é esse o fundamento do perspectivismo”¹⁵⁷). Na ontologia deleuzo-leibniziana, problematização, criação do novo, acontecimento e perspectivismo fazem parte de uma mesma série de conceitos ‘que atravessam o teto’.

Variação é ainda a capacidade de ser afetado por um fora (um relacionismo) e isto é o objétil. A capacidade de variação é considerada de acordo com o modo como o fora é dobrado. “É aí que todo contorno esfuma-se em proveito das potências formais do material, potências que ascendem à superfície e apresentam-se como outros tantos rodeios e redobras suplementares”¹⁵⁸. É aqui que a dobra leibniziana é mais bela: no fora, nas forças

¹⁵⁵ Um acontecimento é o ideal de continuidade implícita na extensão das séries. Além disso, gera propriedades intrínsecas na extensão destas séries. “Por exemplo, altura, intensidade, timbre de um som, ou de um matiz, valor, saturação da cor, que entram por sua conta em novas séries infinitas, aquelas convergindo para limites, e a relação entre limites constituindo uma conjunção”. (*A Dobra*, p. 136) Para mais sobre acontecimentos, ver todo o capítulo 6, *Que é um acontecimento?*

¹⁵⁶ *A Dobra*, p. 40.

¹⁵⁷ *Idem*.

¹⁵⁸ *A Dobra*, p. 35.

plásticas, o poder de ser afetado, objectil, a variação de um corpo em um dos andares da casa (o mundo realiza-se na matéria¹⁵⁹). No outro, a unidade da curvatura, a tendência, a alma, o superjecto (o mundo atualiza-se na alma). Casa barroca como ponto de vista. Um barroco animista onde tudo é superjecto (*A Dobra*, p. 206).

Vamos insistir mais um pouco na questão apresentada no segundo capítulo: o que mudou entre o perspectivismo leibniziano visto por Deleuze em *D&R* e *Lógica do Sentido*¹⁶⁰ e o perspectivismo leibniziano de *A Dobra*? Deleuze agora utiliza-se da função operatória barroca e a expressão maneirista das dobras infinitas. O Barroco atua como uma força de deslocamento do pensamento e movimento imanente de criação de conceitos. Em suma, Deleuze utiliza-se de modos de expressão não-filosóficos para pensar o perspectivismo através das dobras barrocas.

Um exemplo é a geometria projetiva (perspectivística) de Leibniz, que articula o que Paul Klee chama de ponto-dobra (p. 31), o ponto-inflexão ou ‘singularidade intrínseca’...

Contrariamente aos *extrema* (singularidades extrínsecas, máximo e mínimo), ela não remete a coordenadas: não está no alto nem no baixo, nem à direita nem à esquerda, nem regressão nem progressão. A inflexão corresponde ao que Leibniz denomina ‘signo ambíguo’. (...) a inflexão é o puro Acontecimento da linha ou do ponto, o Virtual, a idealidade por excelência. Efetuar-se-á segundo eixos de coordenadas, mas, por enquanto, não está no mundo: ela é o próprio Mundo, ou melhor, seu começo, dizia Klee, ‘lugar da cosmogênese’, ‘ponto não dimensional’, ponto ‘entre as dimensões’. Um acontecimento que seria espera de acontecimento? (*A Dobra*, p. 33)

¹⁵⁹ “É precisamente assim que os dois andares distribuem-se em relação ao mundo que eles expressam: o mundo atualiza-se nas almas e realiza-se nos corpos. Portanto, ele é dobrado duas vezes nas almas que o atualizam e é redobrado nos corpos que o realizam, e, a cada vez, isso acontece de acordo com um regime de leis que corresponde à natureza das almas ou à determinação dos corpos. (...) Dizer que os corpos realizam não é dizer que sejam reais: eles se tornam reais visto que aquilo que é atual na alma (a ação interna ou a percepção) é realizado por Algo no corpo. Não se realiza o corpo; realiza-se no corpo o que é atualmente percebido na alma. A realidade do corpo é a realização dos fenômenos no corpo.” (*A Dobra*, p. 206)

¹⁶⁰ Para rever o perspectivismo leibniziano nestes livros-tese, os trechos destacados encontram-se no segundo capítulo do presente trabalho.

As singularidades intrínsecas nada mais são, Deleuze agora poderá dizer usando a geometria barroca leibniziana, que um traçado de pontos de vista. E as mudanças ao longo do trajeto de uma curvatura são lidas como uma tendência de variação para o infinito. É a dramatização¹⁶¹, elementos são postos em jogo (singularidades) e isso é a variação a partir de um ponto de vista.

As singularidades, os pontos singulares, pertencem plenamente ao contínuo, embora não sejam contíguas. Os pontos de inflexão constituem um primeiro tipo de singularidade no extenso e determinam dobras que entram na medida do comprimento das curvas (dobras cada vez menores...). Os pontos de vista são um segundo tipo de singularidade no espaço e constituem envoltórios de acordo com relações indivisíveis de distância. Mas nem os pontos de inflexão, nem os pontos de vista contradizem o contínuo: há tantos pontos de vista cuja distância é cada vez indivisível quanto há inflexões na inflexão cujo comprimento é cada vez maior. O contínuo é feito de distâncias entre pontos de vista não menos que do comprimento de uma infinidade de curvas correspondentes. (*A Dobra*, p. 41)

Essas relações indivisíveis de distância sustentam o julgamento dos casos onde os mundos são implicados por estes pontos de vista. Encontrar o melhor ponto de vista como “arte de julgar”, assinalar o ponto de vista sem o qual não encontramos a verdade.

Em um mundo do infinito, ou da curvatura variável, que perdeu todo o centro, a importância de substituir o centro enfraquecido pelo ponto de vista; o novo modelo óptico da percepção e da geometria na percepção, que repudia as noções táteis, contato e figura, em proveito de uma ‘arquitetura da visão’; o estatuto do objeto, que só existe agora através das suas metamorfoses ou na declinação dos seus perfis; o perspectivismo como verdade da relatividade (e não relatividade do verdadeiro). Acontece que o ponto de vista, em cada domínio da variação, é potência de ordenar os casos, condição da manifestação do verdadeiro (...) a necessidade de assinalar o ponto de vista sem o qual não se pode encontrar a verdade, isto é, seriar a variação ou determinar os casos. Em todos os domínios, Leibniz constrói a ‘tábua’ dos casos, tábua que remete ao ponto de vista como jurisprudência ou arte de julgar. Encontrar sempre o bom ponto de vista, ou sobretudo o melhor, aquele sem o qual só haveria desordem e mesmo o caos. (*A Dobra*, p. 43)

Só um único ponto de vista nos dá as respostas e os casos (como em uma anamorfose barroca – variação que determina os casos), ponto de vista como jurisprudência – a potência de ordenar os casos, a condição da manifestação do verdadeiro, “como determinação do indeterminado pelos signos ambíguos”,

¹⁶¹ Ver página 9 deste trabalho.

“ponto de vista como segredo das coisas”¹⁶². O ‘segredo’ do objeto é o objectil e o do sujeito é o superjecto. Deleuze poderá concluir que a variação não existe fora do ponto de vista e vice-versa (p. 42).

Deleuze também pensa com Leibniz em relação à ontologia do ser-para-o-mundo¹⁶³ - onde o melhor dos mundos possíveis é aquele onde é possível a produção de novidade, “uma liberação de verdadeiros quanta de subjetividade privada”¹⁶⁴ (contra a fenomenologia do ser-no-mundo), mostrando que este deve ser lido através da alegoria barroca e não de uma história linear da filosofia. O que agora podemos chamar de leibnizianismo nada mais é do que a potência da criação do novo através da multiplicação de conceitos.

A alegoria de todos os mundos possíveis aparece no relato da Teodicéia, que se pode chamar de uma anamorfose piramidal, e que combina as figuras, as inscrições ou proposições, os sujeitos individuais ou pontos de vista com seus conceitos proposicionais (desse modo, ‘violar Lucrecia’ é uma proposição-predicado, sendo Sexto o sujeito como ponto de vista e estando o conceito interior contido no ponto de vista ‘o império romano’, cuja alegoria nos é dada, assim, por Leibniz). O barroco introduz um novo tipo de relato; segundo as três características precedentes, a descrição toma nesse relato o lugar do objeto, o conceito torna-se narrativo, e o sujeito, ponto de vista, torna-se sujeito de enunciação. (*A Dobra*, p. 219)

O teatro barroco parece-se assim, com uma síntese temporal, ligando o Deleuze ‘barroco’ ao Deleuze do cinema, como visto no capítulo anterior. O mundo está contido em uma mônada, e a expressão desta é o ‘ser-para-o-mundo’. Nas curvas barrocas, como já visto, as forças externas são projetadas internamente como tendência de variação no nível do infinitamente pequeno, lugar de projeção de percepções, onde Leibniz concebe a passagem de estado de percepções passivas para ativas (relações diferenciais), ou intervalo temporal, intrínseco ao conceito de dobra no dobramento do fora no dentro. Deste modo, a diferença de singularidades é a continuação de desdobramento de séries de mundo dobrados na mônada.

O fato da mônada não ter janelas significa que ela é uma instância da atualização do mundo que é para o mundo e não no mundo. O que interessa em Deleuze aqui é que este para o mundo dá condições para a criação do novo,

¹⁶² *A Dobra*, p. 43.

¹⁶³ Mundo aqui não deve ser lido como um mundo dado, mas um mundo de singularidades pré-individuais.

¹⁶⁴ *A Dobra*, p. 139.

sínteses disjuntivas entre mundos possíveis em vez de ser meramente condição factual de descrição de um mundo sempre já constituído.

Mais uma vez é possível fazer uma combinação (ou, de acordo com o próprio Leibniz, uma síntese) com o perspectivismo temporal e extrair políticas de vida: para longe do mundo da representação e da intencionalidade fenomenológica e em direção da diferença diferenciante do mundo é preciso resistir ao presente. E resistir ao presente é revelar as texturas da matéria, esticando-a até o limite da ruptura. A textura revela-se de forma mais evidente quando esticada até seu ponto de ruptura e é então que aparecem os estratos (modulação temporal) que determinam sua coesão, a dramatização do mundo.

A física leibniziana compreende dois capítulos principais, sendo um concernente às forças ativas ditas derivativas, relacionadas com a matéria, e o outro, às forças passivas ou à resistência do material, à textura. É talvez no limite que a textura aparece melhor, antes da ruptura ou dilaceração, quando o estiramento já não se opõe à dobra mas expressa-a em estado puro (...) Em regra geral, a maneira pela qual uma matéria se dobra é que constitui sua textura: ela define-se menos pelas suas partes heterogêneas e realmente distintas do que pela maneira pela qual essas partes tornam-se inseparáveis em virtude de dobras particulares.(...) Assim, a textura depende não das próprias partes mas dos estratos que determinam sua ‘coesão’: o novo estatuto do objeto, o objectil, é inseparável dos diferentes estratos que se dilatam, como outras tantas ocasiões de rodeios e de redobras. (*A Dobra*, p. 69 e 70)

Para continuarmos a conexão do perspectivismo barroco de Leibniz com o perspectivismo temporal de Deleuze (tal e qual em *Matéria e Memória* de Bergson), o fenômeno em Leibniz é mais do que o ‘ser da imaginação’ (p. 163) e menos do que um objeto, pois “a realidade do corpo é a realização dos fenômenos no corpo”¹⁶⁵, sendo que Deleuze enfatiza em Leibniz a prioridade do acontecimento sobre o fenômeno no “novo estatuto do objeto”.

Dizer que os corpos realizam não é dizer que sejam reais: eles se tornam reais visto que aquilo que é atual na alma (a ação interna ou a percepção) é realizado por Algo no corpo¹⁶⁶. Não se realiza o corpo; realiza-se no corpo o que é atualmente percebido na alma. A realidade do corpo é a realização dos fenômenos no corpo. O que realiza é a dobra dos dois andares, o próprio vínculo ou seu substituto. Uma filosofia transcendental leibniziana, que se interessa mais pelo acontecimento do que pelo fenômeno, substitui o condicionamento kantiano por uma dupla operação de atualização e de realização transcendentais (animismo e materialismo). (*A Dobra*, p. 206)

¹⁶⁵ *A Dobra*, p. 206.

¹⁶⁶ Grifado no original.

Para Leibniz, um fenômeno só pode ser atualizado no mecanismo psíquico (p. 163) se também é realizado objetivamente: “O mundo é uma virtualidade que se atualiza nas mônadas ou nas almas, mas é também uma possibilidade que deve realizar-se nas matérias ou nos corpos”¹⁶⁷. Primeiramente, uma percepção consciente¹⁶⁸ possui uma estrutura que permite sua gênese (relações diferenciais) e também, desde que coexistem na virtualidade uma infinidade de fenômenos impossíveis (cada um deles pronto a ser realizado), todos os pontos de vista atualizados dependem de “um corpo que expressa do seu lado, com os seus circunvizinhos, o que uma alma expressa na sua região particular”¹⁶⁹.

Exatamente porque uma mônada¹⁷⁰, Júlio César, por exemplo, possui uma zona clara de expressão, como atravessar o Rubicão, e ativamente distribui o mundo dos fenômenos é que deve possuir uma força para realizar estes fenômenos, por exemplo, molhar o corpo no fluxo do Rubicão:

É porque cada mônada tem uma zona clara que ela deve ter um corpo, constituindo essa zona uma relação com o corpo, não uma relação dada, mas uma relação genética que engendra seu próprio relato. É por termos uma zona clara que devemos ter um corpo encarregado de percorrê-la ou de explorá-la do nascimento à morte (*A Dobra*, p. 148).

Um fenômeno atualizado não constitui o real automaticamente, mas deve-se realizar num corpo de acordo com uma causalidade que não é apenas anterior, mas também de uma natureza diferente do fenômeno atual:

... é curioso que a questão da realidade coloque-se a propósito dos corpos que, mesmo não sendo aparências, são simples fenômenos. Mas, propriamente falando, fenômeno é o percebido na mônada. Quando, em virtude da semelhança entre o percebido e algo = x, perguntamos se não há corpos agindo uns sobre os outros, de tal maneira que nossas percepções internas se lhes correspondam, estamos levando com isso a questão de uma realização do fenômeno, ou melhor, de um ‘realizante’ do percebido, isto é, a questão da transformação do mundo atualmente percebido em um mundo objetivamente real, em Natureza objetiva. Não é o corpo que realiza, mas é no corpo que algo se realiza, com o que o próprio corpo se torna real ou substancial. (*A Dobra*, p. 179 e 180)

¹⁶⁷ *A Dobra*, p. 179.

¹⁶⁸ Em Leibniz, “A macropercepção é o produto de relações diferenciais que se estabelecem entre micropercepções; é, portanto, um mecanismo psíquico inconsciente que engendra o percebido na consciência” (p. 163).

¹⁶⁹ *A Dobra*, p. 182.

¹⁷⁰ Ver nota 12.

Esses processos de atualização e realização correspondem a dois regimes causais diferentes: a causalidade intrínseca psico-metafísica e a causalidade físico-orgânica respectivamente. A ontologia das imagens (Bergson) e a do barroco se encontram, assim como o perspectivismo temporal e o leibniziano. A alma é resultado da relação dos corpos com o mundo – forças externas projetadas internamente, síntese do tempo (relações diferenciais, passagem de estado de percepções passivas para ativas).

A *Dobra* está tratando do princípio de individuação. Ora, se o princípio de identidade diz respeito a verdades essenciais, não-temporais, o princípio leibniziano de razão suficiente trata de verdades de existência. Na primeira, a análise é finita, séries finitas determinam um sujeito. A outra é necessariamente infinita, tendo que passar por séries inteiras de acontecimentos que constituem o mundo infinito. Em vez de obtermos a identidade de um sujeito, temos uma série infinita de predicados e o que deve ser analisado aqui não são identidades, mas continuidades. O melhor dos mundos possíveis seria aquele que compreende um máximo de continuidades em um máximo de diferenças.

Porém, apenas Deus poderia realizar esta análise infinita. Nós só temos a experiência a nos ajudar. Deleuze, no entanto, vê uma operação leibniziana que nos auxilia a nos aproximarmos do entendimento divino: o cálculo infinitesimal. Qual seria então a continuidade entre a sedução de Eva e o pecado de Adão? A relação entre os dois é infinitesimal e tende a desaparecer. Isso é o continuum, uma diferença que tende a desaparecer. Logo, eu serei capaz de demonstrar uma diferença que se esvai entre ‘Adão’ e ‘pecador’, e não uma identidade lógica. A diferença que se esvai ocorre quando uma relação continua mesmo quando os termos desta relação desaparecem, relação pura, diferença pura, o que Deleuze chama de ‘diferença em si’¹⁷¹: é quando o conceito de diferença, em *D&R*, ganha uma dimensão transcendental, significando não apenas uma relação externa aos termos, mas também uma relação que determina os termos. Em vez de identidades a priori (identidades determinando diferenças), agora as diferenças é que são constitutivas da identidade. Como já vimos no segundo capítulo, identidades são efeitos secundários de relações de diferenças. Fica uma vez mais clara a

¹⁷¹ Ver páginas 14, 20 e 25 deste trabalho.

importância do cálculo diferencial e de Leibniz no pensamento de Deleuze desde *D&R*. Em Leibniz, vimos acima, uma relação diferencial é o que determina a passagem de pequenas percepções a uma percepção consciente: quando distinguimos o barulho de uma onda no oceano, um acontecimento singular que se sobressai. Eis um conceito caro a Deleuze, o de singularidade.

A conclusão é que esta determinação das percepções enquanto relações diferenciais é o que produz objetos enquanto percepções: espaço e tempo deixam de ser dados puros (como em Kant), mas são engendrados por relações diferenciais na percepção. Ou seja, os objetos não são dados, sendo antes produtos de relações na percepção consciente. É o mundo das séries infinitas (em vez de dados), expressões existentes nas mônadas e para o mundo. Talvez isso explique por que, entre os dois cursos que deu sobre Leibniz em Vincennes (80 e 86-87), Deleuze tenha se dedicado aos cursos sobre cinema (81-82 e 83-84): além de testar um pensamento não-filosófico, o perspectivismo temporal (e a ontologia das imagens) conversava com as dobras do barroco, com as variações e a noção de pontos de vista.

Simple suposição, talvez. O certo é que Deleuze dobra e desdobra Leibniz em sua série ‘louca’ de criação de conceitos: singularidade, virtualidade, multiplicidade, séries convergentes e divergentes... Todos estes conceitos deleuzianos conversam com a matemática metafísica leibniziana. E Deleuze, com *A Dobra*, afirma sua cumplicidade com Leibniz realizando o caminho inverso de *D&R*: neste, o caminho ia da identidade para a diferença (da representação ao pensamento da diferença), enquanto naquele vai da diferença para a identidade (enquanto efeito secundário da diferença) – a individuação.

O neo-leibnizianismo¹⁷² de Deleuze é o de um pós-kantiano lendo Leibniz (“...impedido que estava pelas exigências da teologia”¹⁷³), eliminando as ideias da

¹⁷² Este parágrafo foi desenvolvido a partir do verbete Gilles Deleuze da Stanford Encyclopedia of Philosophy, encontrado no site plato.stanford.edu, acessado em 25/01/2014. O longo verbete foi escrito por John Protevi e Daniel Smith e editado por Edward Zalta. Os autores falam do leibnizianismo de Deleuze, a decisão de falar em neo-leibnizianismo é minha.

¹⁷³ *Lógica do Sentido*, p. 178. Para que a passagem se torne mais clara, eis uma citação ampliada: “Mas desta regra de impossibilidade, Leibniz se serve para excluir os acontecimentos uns dos outros: da divergência ou da disjunção, ele faz um uso negativo ou de exclusão. Ora, isto não é justificado senão na medida em que os acontecimentos já são apreendidos sob a hipótese de um Deus que calcula e escolhe, do ponto de vista de sua efetuação em mundos ou indivíduos distintos. Não é, em absoluto, a mesma coisa se considerarmos os acontecimentos puros e o jogo ideal cujo princípio Leibniz não pôde apreender, impedido que estava pelas exigências da teologia. Pois, deste outro ponto de vista, a divergência das séries ou a disjunção dos membros (*membra*

Razão, Deus, Mundo e Eu. Deus, aquele que no sistema leibniziano escolhe o melhor mundo possível, dá lugar, em Deleuze, a um processo imanente (capítulo 6, O que é um acontecimento?, quando Deleuze introduz Whitehead) que afirma impossibilidades e divergências. O mundo não possui mais uma harmonia pré-estabelecida, o universo caótico é formado por infinitas séries divergentes. E finalmente o Eu (ou o sujeito): Deleuze substitui o sujeito ‘monádico’ – fechado sobre o mundo harmônico - e o convergente expressado de dentro de si pelo nomádico – desdobrado e aberto ao fora através do impossível e divergente, uma singularidade intrínseca, variação que se ‘instala no ponto de vista’ enquanto se movimenta entre séries divergentes infinitas. Em Deleuze, impossibilidades e dissonâncias atualizam-se no mesmo mundo, nosso mundo.

Em *A Dobra*, Deleuze insiste que a verdade não é algo que varia com os pontos de vista individuais (a cada um, uma verdade), mas é a condição sob a qual uma variação aparece ao sujeito. Para uma alma, a verdade, assim, não é uma visão intelectual (que negligencia a multiplicidade), mas uma potência de tornar reais continuidades entre diferenças. Esta potência se realiza através de um ponto de vista.

É preciso assinalar o quanto a inclusão é indexada pelo presente em Leibniz, isto é, até que ponto tem suas variações ajustadas às variações do presente: escrevo, viajo... Se a inclusão estende-se ao infinito no passado e no futuro, é porque ela concerne inicialmente ao presente vivo, presente que a cada vez preside a sua distribuição. É porque minha noção individual inclui o que faço neste momento, o que estou fazendo, que ela também inclui tudo o que me levou a fazer e tudo que disso decorrerá, até o infinito¹⁷⁴. Esse privilégio do presente remete precisamente à função de inerência na mônada: ela não inclui um predicado sem dar-lhe o valor de um verbo, isto é, a unidade de um movimento que está em execução. A inerência é condição de liberdade e não impedimento. Quando Leibniz invoca o ato perfeito ou acabado (enteléquia), não se trata de um ato que a inclusão obrigaria a considerar como passado e que remeteria a uma essência. A condição de clausura, de fechamento, tem um sentido totalmente distinto: o ato perfeito, acabado, é aquele que recebe da alma que o inclui a unidade própria de um movimento que se faz¹⁷⁵. A esse respeito, Bergson está muito próximo de Leibniz,

disjuncta) cessam de ser regras negativas de exclusão segundo as quais os acontecimentos são impossíveis, incompatíveis. A divergência, a disjunção são, ao contrário, afirmadas como tais.

¹⁷⁴ Deleuze refere-se a *Monadologia*, § 36.

¹⁷⁵ Grifo original.

e é neste que se encontra constantemente a fórmula: o presente repleto de futuro e carregado de passado (*A Dobra*, p. 125 e 126).

Deleuze vai assim, no quinto capítulo de *A Dobra*, no subtítulo Leibniz e Bergson: O movimento que está em execução, unir Leibniz e Bergson: “É impressionante a semelhança entre os temas de Leibniz e a tese de Bergson...” (p. 128). A perspectiva barroca (Leibniz), enquanto perspectiva temporal (Bergson), não é fazer um ponto de vista perdurar, mas fazê-lo variar, dobrar e desdobrar o mundo na alma, desvelando o ‘segredo das coisas’, o *continuum* entre diferenças.